

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
DEPARTAMENTO DE DESIGN**

ISIS LOPES DE OLIVEIRA

**DIGITAL LOVE**

Um ensaio sobre a persona digital

Brasília

2022

ISIS LOPES DE OLIVEIRA

**Digital Love: um ensaio sobre a persona digital**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Design da  
Universidade de Brasília, Campus Darcy  
Ribeiro, como parte dos requisitos para a  
obtenção do título de Bacharel em  
Programação Visual.

Orientador: Rogerio José Camara

Brasília

2022

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Universidade Pública, por todo o conhecimento e valentia neste momento tão delicado.

Ao Departamento de Design, pelo esforço e entrega. Vocês são inspiradores.

Ao meu orientador, por toda paciência, troca, e fé no meu potencial desde o primeiro momento. Nossas conversas acalmaram o meu coração.

Ao meus pais e à minha irmã, pelo apoio incondicional em toda a minha trajetória até aqui, e por serem as minhas maiores fontes de inspiração todos os dias.

Aos meus amigos queridos e ao Pedro, pelo incentivo, paciência e gerenciamento de crise. Obrigada por me incentivarem a seguir em frente. Sem vocês eu não conseguiria.

E ao mundo digital, por ter feito essa pesquisa acontecer.

## RESUMO

OLIVEIRA, Isis L. **Digital Love: um ensaio sobre a persona digital**: 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Design – Programação Visual – Universidade de Brasília, 2022.

Este projeto busca discutir o processo de auto imagem e curadoria de si mesmo a partir do caminho percorrido nas redes sociais, bem como as angústias e ansiedades derivadas desta configuração inerente aos nativos digitais. Ao mesmo tempo, pretende atuar tanto como um registro pessoal, uma espécie de diário, quanto como um registro mais amplo, um retrato do que é vivenciado agora. Por meio do levantamento de conteúdos diversos que tratassem da experiência online e consultas em pesquisas oficiais sobre relação entre redes sociais e identidade, foi possível traçar o panorama do cenário cultural tecnológico contemporâneo e relacionar à construção da identidade digital. Como resultado da pesquisa, foi desenvolvido um livro-objeto que comporta um relato pessoal acerca de uma experiência específica, utilizando-se de uma narrativa híbrida que segue as próprias estéticas da Internet. Por fim, propõe-se uma reflexão acerca dos temas abordados e uma possível identificação por parte de leitores que se sintam da mesma forma.

Palavras chave: Digital. Identidade. Design Editorial.

## **ABSTRACT**

OLIVEIRA, Isis L. **Digital Love: um ensaio sobre a persona digital**: 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Design – Programação Visual – Universidade de Brasília, 2022.

This project aims to discuss the process of self-image and self-curation following the path taken by social networks, as well as the anxieties derived from this inherent to digital natives configuration. At the same time, it intends to act both as a personal record, kind of a diary, and as a broader record, a portrait of what is experienced now. Through the collection of miscellaneous contents on the online experience and consultations of official researches about the relationship between social networks and identity, it was possible to trace the panorama of the contemporary cultural technological scenario and relate it to the construction of a digital identity. As result of the research, it was developed an object-book that includes a personal report of a specific experience, using a hybrid narrative that follows internet's aesthetics itself. Ultimately, it is proposed a reflection on the topics discussed and a possible compatibility by readers who may feel the same way.

Keywords: Digital. Identity. Editorial Design.

## LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2 – Capa e exemplo de página com impressão em papel vegetal.....	10
Figura 3 – Grid e margens utilizados no produto.....	11
Figura 4 – Demonstração da fonte San Francisco nos estilos utilizados na publicação: Regular e Black Italic, respectivamente.....	12
Figura 5 - Exemplo de imagem contendo filtro de cor aplicado.....	13
Figura 6 – Página com sobreposição de uma folha menor.....	14
Figuras 7 e 8 – Página com encartes interpostos no miolo.....	15
Figuras 9 e 10 – Montagem com fotos 3x4 e linha de costura.....	16
Figura 11 – Página com folha menor dobrável.....	17
Figura 12 e 13 – Página com fluxo de leitura em transparência.....	18
Figuras 14 e 15 - páginas selecionadas de <i>The Extreme Self: Age of You</i> .....	19
Figuras 16 e 17 – exemplos de páginas duplas do livro <i>Ansiedade</i> , 2016.....	20

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>2</b>
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>4</b>
<b>4</b>	<b>REVISÃO TEÓRICA</b> .....	<b>5</b>
4.1	O Real x Virtual .....	5
4.2	O Pós-Internet .....	7
<b>5</b>	<b>PROJETO GRÁFICO</b> .....	<b>8</b>
5.1	Formato e materiais de impressão .....	9
5.2	Grids e margens .....	10
5.3	Fontes .....	11
5.4	Cores .....	12
5.5	Livro Híbrido .....	13
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS VISUAIS</b> .....	<b>19</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>8</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>22</b>
8.1	Referências bibliográficas .....	22
8.2	Recursos online .....	23

## 1 INTRODUÇÃO

Por toda minha vida, eu me senti uma farsa. E por farsa, quero dizer que, desde muito nova, aprendi a controlar a impressão que minha imagem causaria em quem me percebesse, em um movimento autocentrado de curadoria virtual que moldou cada aspecto do meu ser. Devo isso, é claro, ao fato de ter nascido e crescido sob a mais rica e plural cultura visual da história, efeito resultante da democratização dos canais midiáticos, cercada de performances virtuais de todo tipo: perfis, avatares, blogs, selfies, web-relacionamentos, curtidas, memes; a lista é infinita. O impacto desse cenário em minha mente em formação foi devastador — até hoje, eu não me sinto capaz de distinguir o real do virtual. E é sobre isso que *Digital Love* se trata.

*Digital Love* é um livro que aborda uma reflexão sobre a minha relação pessoal com a minha persona digital enquanto parte de uma geração que, antes mesmo de aprender a falar, já existia na internet. A intenção do produto é, por meio do projeto gráfico e da narrativa — que são complementares — transmitir o espelhamento cada vez mais tênue de uma dualidade entre digital e analógico; passado e presente; ego e alter ego. Ao mesmo tempo, atuar tanto como um registro pessoal, uma espécie de diário, quanto como um registro mais amplo, um retrato do agora.

Dessa forma, o objetivo geral do projeto é discutir o processo de construção da auto imagem e curadoria de si mesmo por meio do meu próprio percurso nas redes, bem como as angústias e ansiedades derivadas dessa configuração. Para alcançar esse propósito, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- a. analisar o modo como a saturação das redes sociais afeta a noção de individualidade e senso de afirmação no mundo da minha geração;
- b. compreender as especificidades do cenário contemporâneo hiper conectado ao que estamos submetidos pela perspectiva midiática;
- c. mapear as estéticas da internet e relacionar à narrativa impressa de forma a propor um registro gráfico sobre a construção da persona virtual contemporânea.



## 2 JUSTIFICATIVA

Por ter sido fruto da borbulhante era das imagens, o meu processo de construção pessoal se deu projetado para o olhar externo desde muito cedo. Isso porque, na própria infância, tive acesso à internet e principalmente às redes sociais, bem como seus perigos e tentações: online e incentivada pela ótica das imagens, construir uma personalidade essencialmente descolada da realidade moldou a minha forma de me relacionar com o mundo.

Debutei nas redes por meio de um perfil falso na rede social Orkut por volta de 2006, em que a chamada *comunidade fake* funcionava como um espaço virtual de vivência paralelo à realidade. Nesse universo, as minhas relações sociais eram outras: eu tinha muitos amigos, era mais velha e mais bonita, e mesmo que nenhuma dessas qualidades correspondesse à vida real, existir mediante a tela do computador funcionava como um espaço de refúgio através do qual eu me sentia socialmente aceita.

Quase duas décadas depois, e imersa em um cenário cultural tecnológico totalmente diferente e significativamente mais desgastante em comparação ao daquela época, é seguro afirmar que as configurações do passado se amplificaram. A realidade contemporânea aponta para a existência onipresente do celular no cotidiano de 50% da população mundial, de acordo com a mais recente pesquisa da *Strategy Analytics*<sup>1</sup>, e demanda mais de nossa atenção como nunca. Sempre em mãos, o celular atua como uma extensão das faculdades humanas e desafia os limites entre corpo e máquina, real e virtual.

A nova forma de cultura imediatista mediada pelo *smartphone* rompe com qualquer meio de comunicação tradicional até então, e comporta a ansiedade e a depressão como dois grandes fatores para a sua dispersão. A demanda constante de presença online e a multiplicidade de informações que essa tecnologia dispõe resulta na automatização de pensamentos e extingue quase que completamente os momentos de respiro. Isso quer dizer que estamos diariamente mergulhados em

---

<sup>1</sup> MAWSTON, Neil. **Half the World Owns a Smartphone**. In: *Strategy Analytics*. 2021. Disponível em: <<https://www.strategyanalytics.com/access-services/devices/mobile-phones/smartphone/smartphones/reports/report-detail/half-the-world-now-owns-a-smartphone>>

uma confusão de imagens e sendo compelidos a exibir as nossas melhores versões online, compondo um cotidiano doentio caracterizado pelo funcionamento automático das experiências individuais e coletivas.

Essa configuração sucede, sobretudo, na dependência tanto física quanto emocional das redes sociais em 5% dos jovens no mundo, segundo a pesquisa realizada pela Royal Society for Public Health<sup>2</sup>, e eu me encaixo nesse quadro. Afinal, eu existi às sombras desse cenário durante meu período formativo de descobrimento e experimentação aos diferentes aspectos da minha identidade, amparada pelo constante senso de auto curadoria através das redes sociais e personalização do perfil e do *feed* com imagens, vídeos e textos. Mesmo que todos esses fossem uma representação narrativa meramente simbólica de mim, me sinto intimamente conectada à persona online que construí durante todos esses anos: sinto que ela atua como uma extensão do meu ser.

O Instagram teve um papel essencial no vínculo entre construção pessoal e identidade online. A aclamada “positividade” que a comunidade exalta, no sentido da reprodução de uma performance imagética ideal e o mais atraente possível, resulta numa falsa percepção da realidade aos usuários, que são, em sua maioria, adolescentes e jovens adultos. Frente a uma realidade percebida como imperfeita, a imagem pode ser interpretada como uma fuga: o meio digital faz com que essas pareçam mais vivas, mais belas, melhores que a vida real. E isso, é claro, traz consigo suas questões: depressão e ansiedade, privação de sono, imagem corporal, cyberbullying, e FoMO (*Fear of Missing Out*) são alguns exemplos práticos dos potenciais efeitos das redes sociais na saúde física e mental.

Dito isso, este projeto nasceu de uma recente crise pessoal identitária agravada pelo momento da pandemia, em que o único mundo social possível era o digital. Nela, me percebi preterida pela minha própria persona online, em uma sensação angustiante que me levou a acreditar que o meu eu virtual era, de alguma forma, mais interessante do que o meu eu real. Acredito que a realização desta pesquisa possa possibilitar o registro do contexto digital contemporâneo e, assim, entrar em contato com o processo de formação da individualidade e das relações sociais

---

<sup>2</sup> **#StatusOfMind: Social Media and young people’s mental health and wellbeing.** In: *Royal Society for Public Health*. 2017. Disponível em: <<https://www.rsph.org.uk/our-work/campaigns/status-of-mind.html>>

decorrente dele, de forma a dar voz e forma a um relato pelo ponto de vista virtual identitário.

Para tanto, foi escolhido como objeto de registro o livro, cujo recurso abarca uma narrativa híbrida (híbrido entre texto escrito e recursos gráficos, como ilustração, fotografia e tratamentos tipográficos). Nele, as estéticas da internet são retiradas de seu próprio contexto e observadas sob um novo ângulo, tornando possível a ressignificação de seus conceitos em prol de uma reflexão que funcione como elemento de identificação para pessoas que se sintam da mesma forma.

### 3 MÉTODO

A pesquisa foi dividida em duas etapas: a primeira, teórica e de fundamentação, e a segunda, prática e projetual.

Na primeira etapa, fez-se um levantamento de artigos, textos, livros e conteúdos que tratassem da experiência online das mais diversas formas. Para embasar os dados levantados, foram consultadas pesquisas oficiais sobre a relação entre redes sociais e saúde mental. A intenção nesta etapa era a de compreender como os usuários das redes percebiam seus próprios percursos na internet, bem como visualizar o impacto do *smartphone* e da esfera digital no cotidiano atual. Ao analisar o que estudiosos contemporâneos e usuários da própria internet abordavam, tornou-se possível a interpretação e significação de alguns trajetos, como a repercussão das transformações midiáticas nas relações humanas e individuais. A partir disso, pode-se visualizar com mais clareza o panorama tecnológico cultural em que se vive hoje e especular indiretamente os próximos passos da sociedade e das mídias.

Os resultados dessa etapa geraram boa parte dos insumos para o conteúdo gráfico apresentado no livro, cuja seleção passou por uma curadoria de conteúdos e imagens que acrescentassem à narrativa. O proveitoso do desenvolvimento dessa etapa foi a atenção integral que foi dedicada à coleta desses materiais nas redes sociais, em que toda manifestação ou interação performática online (selfies, tweets, posts de Instagram, memes, etc.) poderiam ser percebidas como materiais muito ricos para o amadurecimento da publicação.

A segunda etapa do projeto seguiu as especificidades da própria publicação a partir de pesquisas sobre a estrutura do livro e análise de referências de livros objeto. Para isso, mapeou-se a capacidade do impresso de fornecer uma estrutura multidimensional à página, como a que ocorre na internet pela multiplicidade de dados e informações. A narrativa híbrida operou também como recurso gráfico para a significação e construção do próprio livro, dando dimensão e visualidade para o conteúdo apresentado.

## 4 REVISÃO TEÓRICA

### 4.1 O Real x Virtual

“Para muitas pessoas que atingiram a maioria como indivíduos e seres sexuais online, a internet não é um esotérico lugar da cultura em que pessoas vêm para escapar da realidade e brincar de faz de conta. É a realidade.” (McHUGH, 2017, p. 31, tradução nossa).

O livro *Born Digital: Understanding the First Generation of Digital Natives*, de John Palfrey e Urs Gasser, descreve minha geração muito bem: faço parte do que os autores intitulam de “nativos digitais”, por definição, aqueles descritos como indivíduos que não conhecem a vida sem que ela esteja entrelaçada com a internet. Eles completam:

“Os nativos digitais vivem grande parte de suas vidas online, sem qualquer distinção entre o online e o offline. No lugar de pensar suas identidades digitais e suas identidades reais como conceitos separados, eles têm identidades com várias representações, às vezes em dois, três, ou mais espaços virtuais. São unidos por um conjunto de práticas comuns, incluindo a quantidade de tempo que passam usando suas tecnologias digitais, (...) e suas tendências a se expressar e se relacionar mediadas pelas tecnologias.” (GASSER e PALFREY, 2008, p. 4, tradução nossa).

Essa existência virtual específica reconfigura a noção tradicional de identidade, a qual passa a ser um conceito transmutável: se estende para mais de um plano dimensional, em um caráter representativo múltiplo, sempre indissociável da máquina. Para além do escapismo, performar na internet se tornou um meio pelo qual “processamos nossa experiência corporal, e, como tal, os corpos que navegam no espaço digital são tão computacionais quanto carne.” (RUSSELL, 2020, p. 60, tradução nossa).

Nesse espectro, cabe considerar a propensão da internet a fornecer uma infinidade de cenários extremamente complexos e hiper estimulantes para experimentar e criar novas subjetividades e novas formas de ser e estar no mundo. Em outras palavras, as redes demandam uma presença identitária e uma frequência constante nos mais variados domínios, de forma que as ferramentas disponibilizadas online sejam utilizadas para incentivar tendências hegemônicas de construção pessoal e expor publicamente confissões e intimidades.

É de se constatar o papel essencial que as grandes corporações (como a Meta, antiga Facebook, por exemplo) têm no adestramento de corpos a partir da lógica neoliberal movida pelo capital. Existir online como corpo significa ceder a individualidade em direção a um movimento de objetificação e monetização de si mesmo, cujo objetivo é a representação de um ego cada vez mais atraente, comercial, vendável, reproduzível. Essa relação de subserviência a identidade da persona digital é explicitada pela fala de Mark Zuckerberg para o livro *The Facebook Effect* (2010):

“Você tem uma identidade. Os dias em que você apresentasse uma imagem diferente da sua para os seus amigos ou colegas de trabalho chegariam ao fim muito rapidamente. Ter duas identidades para si mesmo é um exemplo de falta de integridade.” (Tradução nossa).

Assim, se tece um momento cultural muito particular da história em que a identidade digital atua como um anexo do espaço pessoal de forma a desafiar as noções de individualidade em dois momentos paradoxais: por um lado, a superexposição de si, o popularmente chamado *oversharing*; por outro, a meticulosa

curadoria de si mesmo. Como resultado, ambos os cenários convergem em um vicioso e auto destrutivo ciclo alimentado pelo capital do ciberespaço, que opera viciando seus usuários. (FISHER, 2009, p. 48)

## 4.2 O Pós-Internet

O “Pós-Internet” se refere a uma corrente crítica e artística contemporânea cujo objeto de estudo é o impacto cultural da incorporação da internet na vida cotidiana, com atenção especial às relações humanas e no modo em que a cultura é produzida e reproduzida. Diferente da arte digital do começo dos anos 90, a chamada *Net Art*, em que as manifestações artísticas eram produzidas “pela” e “para” a internet (sendo a internet o próprio meio), as manifestações da Pós-Internet se apropriam tanto do digital quanto do offline como campo de pesquisa.

O termo surgiu em 2007 com a artista e curadora alemã Marisa Olsen, quando se referiu à “arte pós-internet” como um marco temporal artístico contemporâneo. Nesse espectro, ela sintetizou sua metodologia de produção na ação de navegar na internet e produzir em seguida, referenciando a experiência online como orientação para a produção artística, de forma que houvesse uma relação de dependência entre o produzir e o “depois de entrar na internet”. No entanto, o que ocorre hoje, mais de uma década depois de sua declaração em 2007 e sob a popularização dos smartphones, é a visível dissolução dessa fronteira entre o “antes” e “depois” da internet. Não há depois: tudo acontece durante a internet.

Dessa forma, o termo se traduz na linguística do “pós”, como no pós-modernismo, ao que se refere à absorção e adaptação de estratégias pré-existentes em nome da nova estética emergente: muito além de representar o mundo “após” o impacto da internet, como o nome supostamente sugere, o movimento busca espelhar o tempo em que se vive agora. Trata-se de uma reação à subsequente saturação do uso da internet na maior parte da população mundial e nas consciências individuais. Jennifer Chan, em sua participação no livro *You Are Here: Art After the Internet*, sintetiza o conceito:

(...) a condição da pós-internet é tanto sobre a dimensão existencial e ética de fazer arte online e a criação de mais-valia em torno de seus afetos, como se trata de política e ansiedades que existem em torno das práticas artísticas pós-internet. (CHAN, 2017, p. 108, tradução nossa).

A estética do movimento se apropria das plataformas digitais, incluindo algumas ferramentas e especificidades das interfaces. Posts do Twitter, reprodução imagética do Instagram/Tumblr, comentários e curtidas, vídeos de Youtube, etc, são alguns poucos exemplos do que pode ser revisitado e ressignificado de acordo com a intenção narrativa das obras. Esses elementos retirados de seus contextos de origem e acoplados em práticas ou objetos do mundo físico dão a oportunidade de um novo olhar sob a reprodução da cultura digital em suas interpretações simbólicas.

## 5 PROJETO GRÁFICO

Como citado anteriormente, a publicação é moldada pela perspectiva do movimento artístico Pós-Internet, em que as estéticas da internet são incorporadas à reflexão acerca do impacto físico e digital da internet ao mundo hiper conectado a que estamos submetidos. Por isso, a narrativa da publicação segue o fluxo de informação e estética visual das mídias sociais. A intenção foi incorporar linguagens específicas da internet, como *glitch*, pixels, emojis e memes, e reproduzir meio às especificidades do impresso. Intervenções estéticas como *glitches* e pixels, no livreto,

“(...) são celebradas como um veículo da recusa, uma estratégia da não-performance. O *glitch* busca tornar abstrato novamente aquilo que foi forçado em um desconfortável e indefinido material: o corpo.” (RUSSELL, 2020, p.19, tradução nossa)

Outro objetivo do projeto gráfico consistiu em retratar a relação de temporalidade entre os dois meios, como a materialidade e registrabilidade que sucedem a existência do livro, em oposição à ausência desses fatores no meio digital.

## 5.1 Formato e materiais de impressão

Para a publicação, foi escolhido o formato de livro de bolso por três motivos: pela intenção de que o produto remetesse à superfície digital do celular quanto às proporções do aparelho (estrito e alongado, na mesma escala de um iPhone 8); pelo apelo intimista da narrativa, que se apresenta quase como um diário, o que gerou a necessidade de um formato que aludisse ao íntimo e o privado; e, por fim, pelo uso de imagens retiradas da internet em baixa resolução (quando não pixelizadas propositalmente), cujas escalas foram mantidas em seus tamanhos originais. Portanto, as dimensões escolhidas para o livreto foram de 110 x 200 mm.

O miolo foi majoritariamente impresso em papel Ap 90g/m, mas foram ainda utilizados outros tipos de recursos para comportar as traduções intersemióticas<sup>3</sup> e as intenções narrativas a serem transmitidas, a incluir tipos de papéis diversos e variações no tamanho e formato de algumas folhas a depender do conteúdo apresentado. Papel vegetal e papel com laminação prateada foram os papéis escolhidos para compor o miolo em momentos específicos da narrativa. Foi utilizado também, pontualmente, linha de costura e papel fotográfico. Já para a capa, papel Couche 300 g/m e, para a guarda, Color Plus 120g/m.

---

<sup>3</sup> Tradução intersemiótica: Termo cunhado por Roman Jakobson (1969) e desenvolvido posteriormente por, entre outros, Julio Plaza (2008). É o termo dado para uma prática cultural intrínseca à contemporaneidade que implica na adaptação de uma narrativa de um meio para o outro. Um dos exemplos mais clássicos de tradução intersemiótica é a adaptação de obras literárias para a TV ou o cinema, mas no caso desta pesquisa, trata-se da adaptação do meio digital para o meio físico ou analógico.





Figura 1 e 2 - Capa e exemplo de página com impressão em papel vegetal

## 5.2 Grids e margens

Para representar graficamente o principal tema abordado na publicação, isso é, o espelhamento do eu, as margens seguem a lógica do próprio espelhamento: são distantes, opostas, ao mesmo tempo proporcionais e refletidas (Figura 1). Por conta

do tipo de encadernação escolhido, a brochura colada, as margens internas foram compensadas em alguns milímetros para que o conteúdo não fosse comprometido.

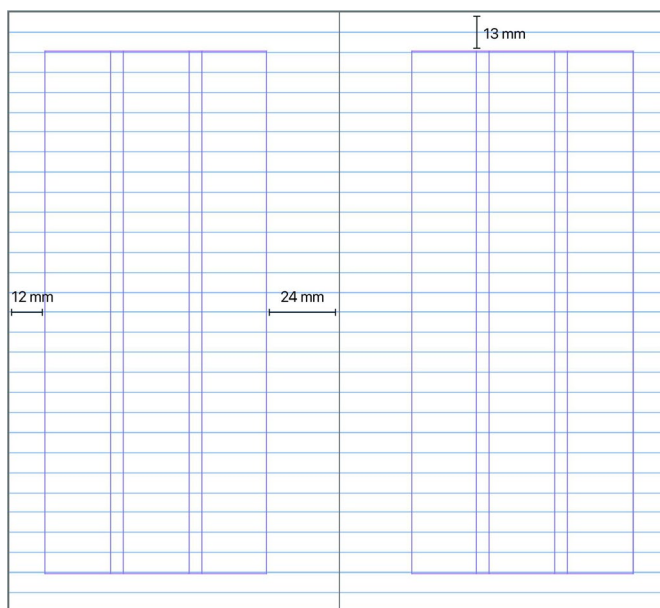


Figura 3 – Grid e margens utilizados no produto

Para cumprir com o propósito de acomodar elementos gráficos e textuais eventualmente dispostos em uma página só, como acontece nas superfícies digitais pela simultaneidade de atividades distintas, o grid é composto de três colunas. Apesar de ser proporcional à entrelinha da tipografia escolhida, as caixas de texto variam de acordo com a necessidade e podem ultrapassar os limites da folha em alguns momentos.

### 5.3 Fontes

Como um dos principais pilares do projeto é realizar a releitura da experiência sensorial e afetiva do celular (o Iphone, no meu caso pessoal), a San Francisco (SF) foi a fonte escolhida para o projeto. A fonte é desenvolvida pela Apple e utilizada em toda a interface interna e aplicativos do sistema iOS desde 2014, quando projetada para substituir a Helvetica Neue e a Lucida Grande. Vale citar que o corpo do projeto

é inteiro redigido em caixa baixa para emular o modo como a minha bolha social virtual costuma escrever nas redes, funcionando como uma metáfora da tela.

A SF é uma fonte não serifada e variável que, segundo os desenvolvedores, foi projetada para harmonizar com a clareza visual da plataforma e, por isso, tem como características ser neutra e legível. No projeto, foi utilizada para o texto principal em tamanho 16 pt e estilo Regular. Para os títulos, foi utilizada em tamanho 36 pt e 50 pt e estilo Black Italic. O recurso sublinhado foi utilizado pontualmente na entrada de capítulos e subtítulos.

Apesar das páginas, de maneira geral, comportarem frases espaçadas e eventualmente curtas, o objetivo era comunicar de forma clara e marcar pausas e entonações conforme a narrativa sem interferir na legibilidade da mensagem (apenas quando propositalmente por meio de interferências gráficas). A fonte se fez presente também nos escritos de algumas imagens, podendo variar de tamanho ou estilo a depender do contexto.

San Francisco  
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ  
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
0123456789  
**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ**  
**abcdefghijklmnopqrstuvwxyz**

Figura 4 – Demonstração da fonte San Francisco nos estilos utilizados na publicação: Regular e Black Italic, respectivamente

## 5.4 Cores

Para representar simbolicamente a experiência através da superfície digital e a sua luz projetada, fez-se uso da cor azul em todo o imagético do livro por meio da aplicação de um filtro de cor. A intenção é transmitir o distanciamento físico dos dois egos através de película e emular com mais vividez o espelhamento entre o mundo real e o virtual.



ao do leitor, dando a ele autonomia de interpretação por meio do manuseio da estrutura, que se revela em mais de uma dimensão física e de significado.

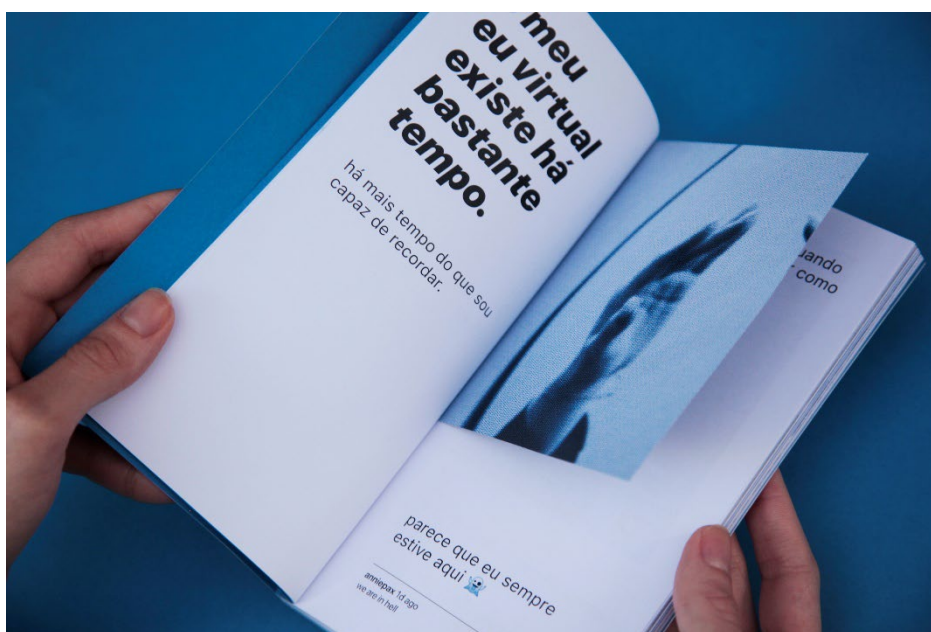
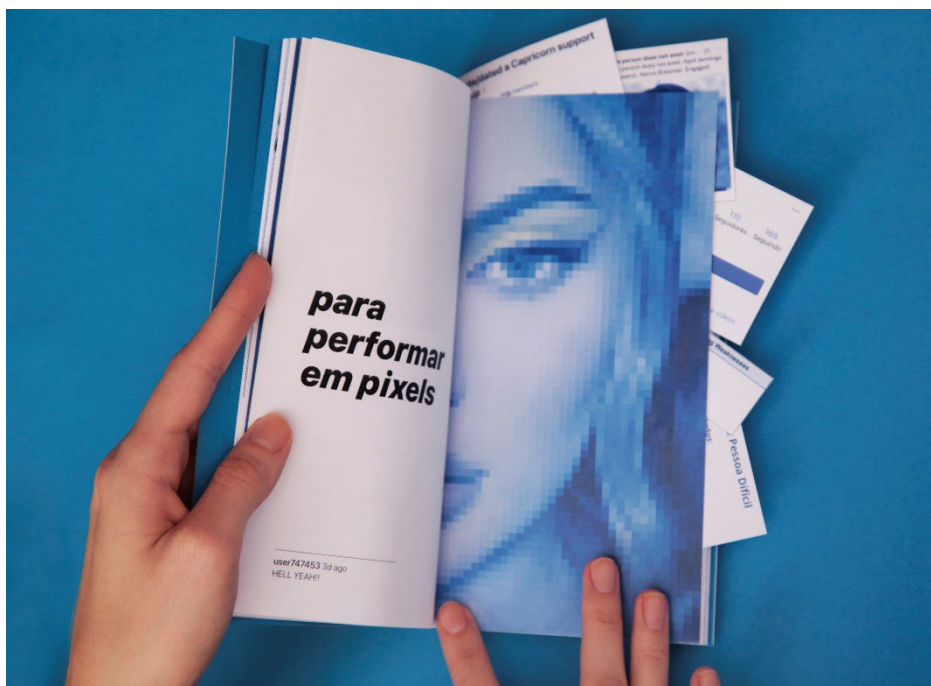


Figura 6 – Página com sobreposição de uma folha menor

Com a intenção de interferir na visualização da narrativa, foi acoplada ao miolo uma folha menor de forma que página fosse dividida em duas metades. A intenção era esconder em um primeiro momento a frase “desde que comecei a me entender como fantasma” para que simbolizasse o aquilo que está presente em um determinado espaço sem ser percebido, oculto. A frase seguinte “parece que eu sempre estive aqui” segue exposta perante toda a página dupla, dando lugar à consciência onipresente na persona virtual. A folha menor expõe em frente e verso a imagem de uma mão refletida no espelho com o objetivo de denotar o espelhamento entre as personas tratadas no livro.





Figuras 7 e 8 – Página com encartes interpostos no miolo

No exemplo acima, a página atua como um suporte que simboliza o eu digital performático escondido pela tela, sendo a própria estrutura da folha recurso para traduzir este significado. Os encartes são impressões de capturas de tela contendo algumas performances digitais identitárias, tais como testes de personalidade (“Você é uma pessoa agressiva?” e “*Dating Strengths and Weaknesses*”), manchetes de jornal esdrúxulas (“No TikTok, todo mundo é gay”), grupos de Facebook (I

date/dated a Capricorn support group), o perfil de “Deus” no Instagram (@deus) e, por fim, a imagem de uma pessoa não existente, criada por uma inteligência artificial, recolhida do perfil *This Person Does Not Exist*.



Figuras 9 e 10 — Montagem com fotos 3x4 e linha de costura

Com o objetivo de simbolizar a coisificação do rosto proveniente da representação de um “eu” reproduzível ao público nas redes sociais, desfigurado de

sua natureza, foram utilizadas fotos repetidas minhas em tamanho 3x4 e intervenções em costura. A combinação desses recursos busca domar e tornar uniforme os atributos da face, frente a uma representação do narcisismo no processo de curadoria de si mesmo.



Figura 11 — Página com folha menor dobrável

Aqui, a intenção é propor um desvio de atenção representado pela notificação que se revela quando o leitor toma a iniciativa de desdobrar a folha incorporada. Esse é o momento da narrativa em que se decide terminar o relacionamento com a persona digital, e é incentivado pela notificação de um aplicativo de horóscopo com conselhos diários que estimula o ato de rompimento com a imagem.





Figura 12 e 13 – Página com fluxo de leitura em transparência

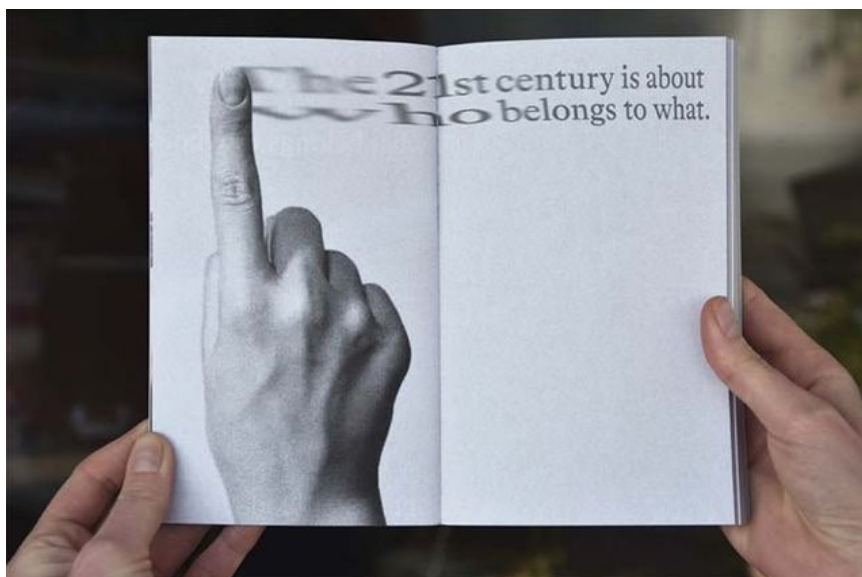
A transparência foi utilizada em algumas páginas com o intuito de acrescentar dimensionalidade à narrativa. Essa página em questão foi inspirada na poesia visual de Wladimir Dias-Pino no livro *A Ave* (1956), em que nele o fluxo de leitura é expressado através de gráficos, perfurações, transparências, figuras, etc. Aqui, a frase “em todos os lugares”, procedendo “uma grande parte de mim existia”, ocupa toda a superfície da folha em ziguezague e é impressa em transparência para que as linhas que fornecem a ordem de leitura tenham visibilidade.

## 6 REFERÊNCIAS VISUAIS

Alguns livros e projetos participaram do percurso inspiracional durante a construção da publicação. Para a seleção dessas obras, foram considerados tanto a forma como o conteúdo foi graficamente representado (estrutura, elementos gráficos, imagens, etc.), quanto reflexões advindas dos conteúdos em si.

A primeira referência foi o livro *The Extreme Self: Age of You* (2021), dos autores Shumon Basar, Douglas Coupland e Hans Ulrich Obrist, sendo este uma sequência do livro *The Age of Earthquakes: A Guide to Extreme Present* (2015). A obra apresenta uma narrativa gráfica carregada em imagens e frases de efeito, cuja reflexão recai em uma representação abstrata sobre como nos sentimos em relação ao mundo digital e suas mudanças. É, antes de tudo, um manifesto que tece críticas e previsões acerca da aceleração da cultura, intimidade, crise de identidade, eternidade, etc. a partir da ótica da internet sob uma visão distópica de futuro.





Figuras 14 e 15 - páginas selecionadas de *The Extreme Self: Age of You*.

Outra referência de interesse é o projeto *Ansiedade*, 2016: uma reflexão sobre o relacionamento de uma geração com a Internet, de Rachel Denti. A publicação aborda uma ponderação sobre a relação pessoal da autora, enquanto parte da Geração Y, com a Internet, o computador e suas tecnologias relacionadas. O livro toca em temáticas pertinentes quanto a interferência da Internet na individualidade e nas relações humanas, e se vale de um humor autocrítico satírico no conteúdo textual e esteticamente. A diagramação conta com imagens, montagens tipográficas e elementos gráficos diversos para instigar uma reflexão profunda por parte do leitor.





Figuras 16 e 17 – exemplos de páginas duplas do livro *Ansiedade*, 2016

## 7 CONCLUSÃO

Colocar em palavras e expor visualmente uma relação tão pessoal quanto a abordada no projeto em questão não foi uma tarefa fácil. Muito por envolver um processo de auto conhecimento profundo pela ação de reinterpretar feridas emocionais e certas posturas pessoais em direção à construção da narrativa do livro e ao embasamento teórico da pesquisa. No projeto, minha posição não era exclusivamente a de pesquisadora; mas de objeto de estudo também. Por conta disso, diversas vezes durante o decorrer do projeto, tentei me convencer de que o tema escolhido tudo teria de pessoal, não tendo relevância frente a uma pesquisa acadêmica. Felizmente, eu me provei errada.

Desde o início, a intenção foi elucidar um panorama macro do cenário hiper conectado contemporâneo a partir de uma perspectiva micro, utilizando-se de uma narrativa pessoal que registrasse a experiência virtual vivida em um espaço temporal específico. Nesse sentido, apesar do tema ser abordado de forma sucinta, acredita-se que a pesquisa possa servir como uma base teórica para a interpretação de

certos comportamentos e vivências características do período cultural atual, viabilizando a reflexão e uma possível identificação por parte do leitor.

Com a pesquisa, descobri ainda que a experiência de construção de identidade vinculada à persona virtual não se bastava somente ao meu caso, como eu julgava ser antes de dar início ao projeto. Em vez disso, o que se mostrou foi uma realidade um tanto quanto comum ao cotidiano de milhares de indivíduos que, assim como eu, são completamente dependentes de suas presenças digitais vinculadas às redes sociais e ao *smartphone*.

Sendo assim, este breve estudo sobre o processo de construção da auto imagem e curadoria de si mesmo por meio das redes sociais procurou registrar e retratar uma realidade específica através de uma ótica pessoal, tornando material um conjunto de experiências subjetivas. Nesse sentido, acredita-se que o projeto atingiu seus objetivos. Ainda que gerasse mais perguntas do que respostas, a pesquisa foi capaz de ilustrar a interferência do uso das redes sociais na auto percepção e no senso de afirmação no mundo de indivíduos que cresceram ao mesmo tempo que a internet.

## 8 REFERÊNCIAS

### 8.1 Referências bibliográficas

BASAR, Shumon; COUPLAND, Douglas; OBRIST, Hans Ulrich. **The Age of Earthquakes: A Guide to the Extreme Present**. 2. ed. Grã Bretanha: Penguin Books, 2015.

\_\_\_\_\_. **The Extreme Self: Age of You**. 1. ed. Alemanha: Walther Konig Verlag, 2021.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência na dadosfera**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

CAMARA, Rogério; MARTINS, Priscilla (Org.). **Poesia/poema**: Wladimir Dias Pino. Brasília: Estereográfica, 2015.

- CHAN, Jennifer. Notes on Post Internet. *In*: KHOLEIF, Omar. **You Are Here: Art After the Internet**. Reino Unido: Cornerhouse e SPACE, 2014. p. 106-123.
- CONNOR, Michael. Post Internet: What It Is and What It Was. *In*: KHOLEIF, Omar. **You Are Here: Art After the Internet**. Reino Unido: Cornerhouse e SPACE, 2014. p. 56-65.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**. 1.ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- McHUGH, Gene. The Context of the Digital. *In*: KHOLEIF, Omar. **You Are Here: Art After the Internet**. Reino Unido: Cornerhouse e SPACE, 2014. p. 28-35.
- MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **O meio é a mensagem**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- PALFREY, John; GASSER, Urs. **Born Digital: Understanding the First Generation of Digital Natives**. 1. ed. Nova Iorque: Basic Books, 2008.
- RUSSELL, Legacy. **Glitch Feminism: A Manifesto**. 1. ed. Nova Iorque: Verso, 2020
- SIBILIA, Paula. **O Show do Eu: A Intimidade Como Espetáculo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- WALLACE, David Foster. **Oblivion: Stories**. 1. ed. Nova Iorque: Hachette Book Group, 2004.
- XAVIER, Valêncio. **O mez da gripe e outros livros**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## 8.2 Recursos online

- DENTI, Rachel. **Ansiedade, 2016: Uma reflexão sobre o relacionamento de uma geração com a Internet**. Orientador: Rogerio José Câmara. 2016. 58 f. TCC (Graduação) – Curso de Desenho Industrial, Faculdade de Brasília, Brasília – DF, 2017. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/15436>>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- DEVULSKY, Amanda. **Ultrasuperfície 2003-2005**. Disponível em: <<https://www.ultrasuperficie.net/>>. Acesso em: 06 jan. 2022.

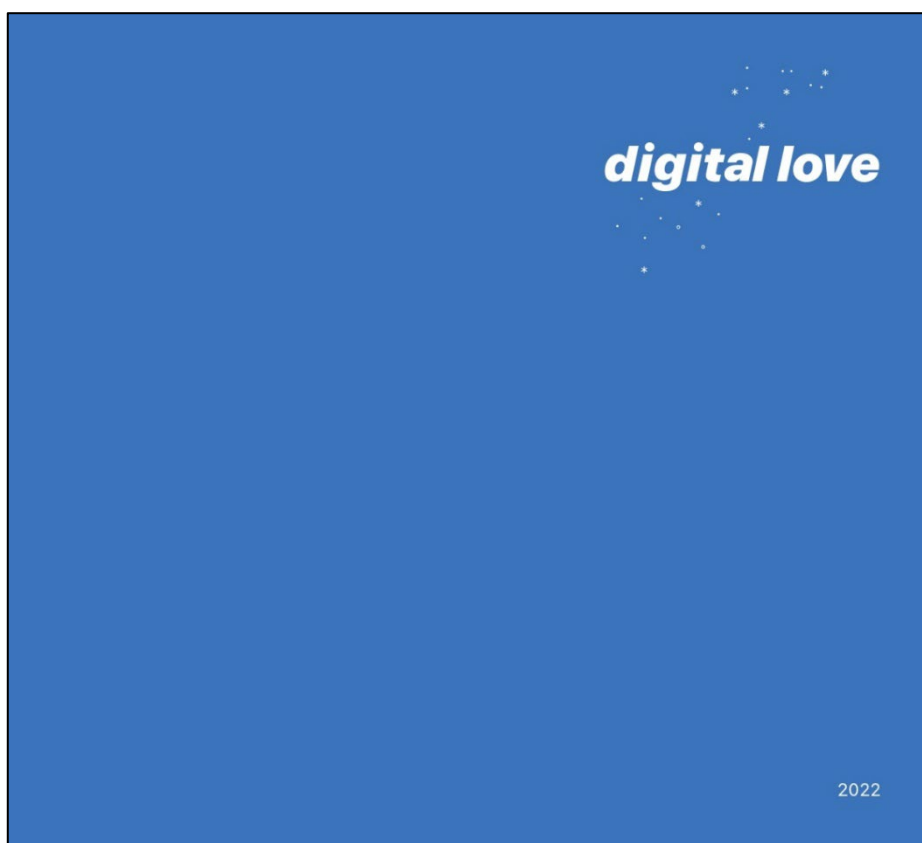
HERNÁNDEZ, Alberto. **Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde**. Disponível em: <<https://www.yatzer.com/Dr-Jekyll-and-Mr-Hyde-a-hybrid-novel-by-Alberto-Hernandez>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

RYAN, Ethan. **Pseudonyms, Authenticity, and Internet Identity**. Disponível em <<http://htmlgiant.com/craft-notes/pseudonyms-authenticity-and-internet-identity/>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

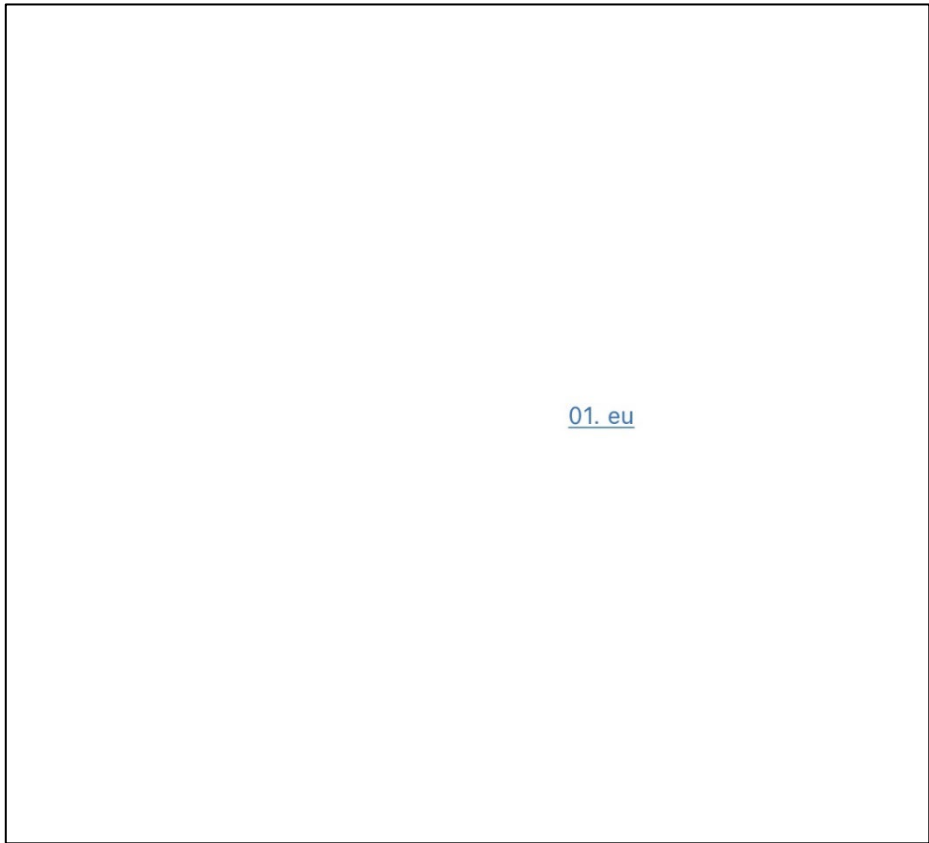
SOUTER, Anna. **Post Internet Art: The Search For a Definition**. In: Roman Road Journal. Disponível em <<https://romanroadjournal.com/post-internet-art-the-search-for-a-definition/>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

YEETGENSTEIN, Ludwig. **Nameless Feeling**. In: Real Life Magazine. Disponível em <<https://reallifemag.com/nameless-feeling/>>. Acesso em: 14. fev. 2022.

ANEXO







**o meu  
eu virtual  
existe há  
bastante  
tempo.**

há mais tempo do que sou  
capaz de recordar.



parece que eu sempre  
estive aqui 🤖

---

annlepax 1 d ago  
we are in hell

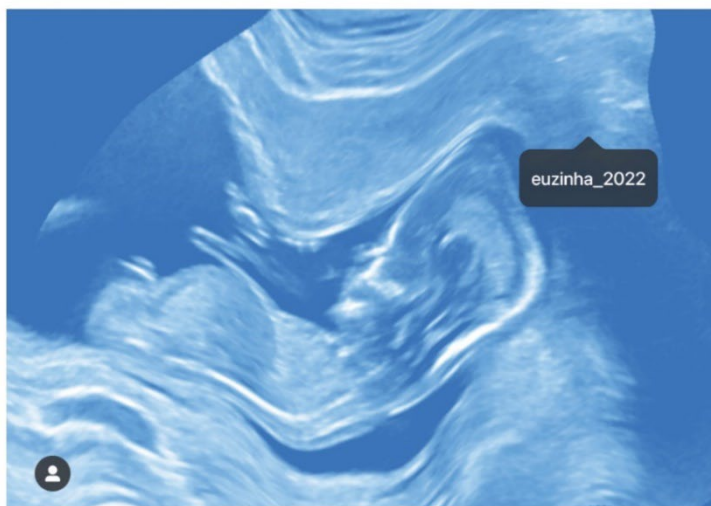


na verdade, desde quando  
passei a me entender como  
fantasma,

parece que eu sempre  
estive aqui. 🤖

---

annlepax 1 d ago  
we are in hell



nascer na imagem foi como  
nascer de novo:

pelo quadrado de luz azul,  
eu poderia ser quem eu  
quisesse.

apesar de já conhecer os  
seus encantos desde que  
me entendo por gente,





me vi imersa, outra  
vez, nesse outro  
mundo em que  
as luzes nunca se  
apagam

visto por último hoje às 02:15 ✓

e que cabe na palma da  
minha mão.

harrystyleswife 6d ago  
this is so sad... whats the app?

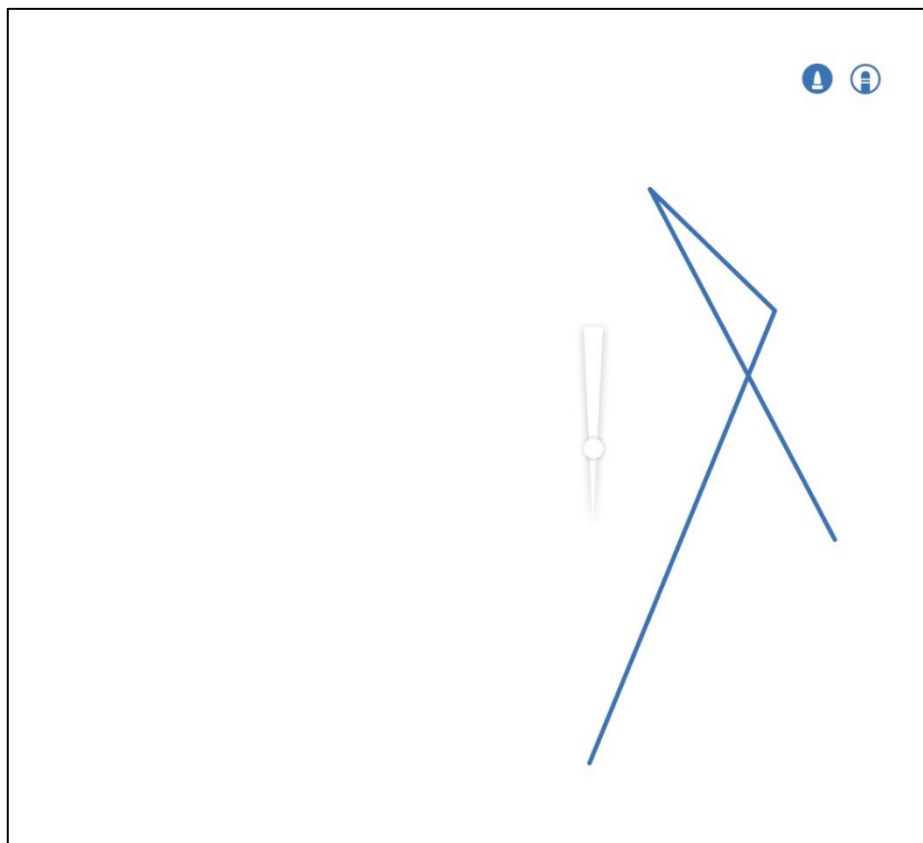
os

todos

lugares

mas, dessa vez, tinha algo  
de diferente. uma grande  
parte de mim agora existia

em



e independia de qualquer  
consentimento existencial.

sem querer, mas nem tanto  
assim,



**dei a luz  
a uma**

**nova eu**

02. ela

PÁGINA ESPELHADA

nesse parto identitário,  
meu rosto deixou de ser só  
meu

e passou a pertencer a  
quem bem entendesse.



---

ritz3636 7h ago  
lol why are u so ugly



e descobri que não precisava ter rosto,



eu deixei que minha face fosse embora com qualquer um,

contanto que me revelasse algum segredo em troca.



muito menos corpo,

ou consciência,

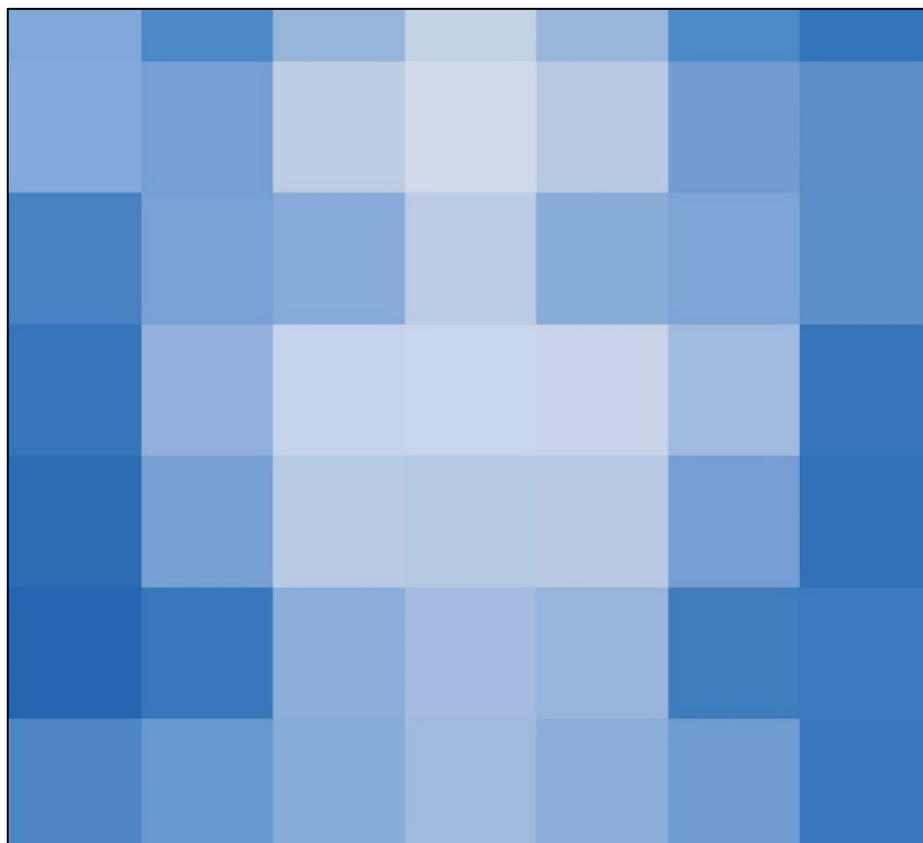


**para  
performar  
em pixels**

user747453 3d ago  
HELL YEAH!!







ela dizia coisas que eu não  
tinha a coragem de dizer  
e recebia likes e likes, sem  
parar.

ela era milimetricamente  
feita só para mim. ♥

no começo,  
nos dávamos bem.

a nova eu era  
complementar ao que me  
faltava.



**BEST  
FRIENDS  
FOREVER!**

como agradecimento, eu  
dava a ela o privilégio

de viver pra sempre.



e quanto mais tempo  
passávamos juntas,  
mais, sempre mais,  
ela queria.

que eu fosse:

**popular**

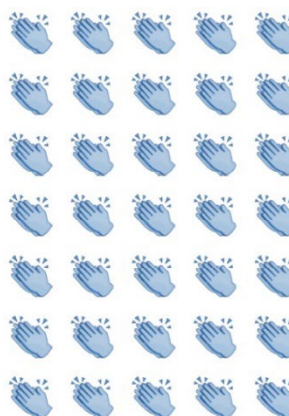
***perfeita***

***irreal***

que nem ela.

e eu, bem, eu era uma fraude.

uma fraude que sabia exatamente o que fazer para agradar a plateia



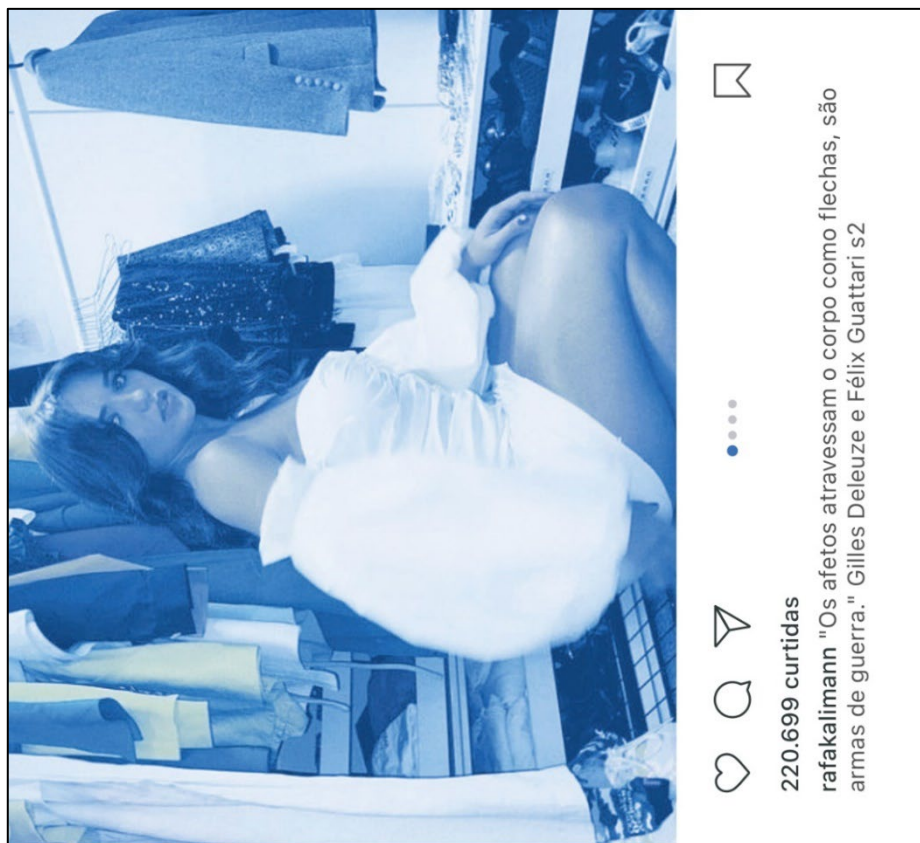
(e o algoritmo).



spiffdog 4m ago  
yo don't beleve the person you are on the internet

sob a supervisão da nova eu, e a partir da minha (ou da nossa?) curadoria,

eu podia finalmente controlar o incontrolável: as impressões alheias sobre mim.



**Your day at a glance**  
Break up with your image. 28m ago

acontece que ser uma fraude autocentrada me tornou, também, uma fraude solitária.

e, eventualmente, uma fraude insuficiente.

por não mais me reconhecer no espelho, decidi dar um tempo da relação com a nova eu.

não é você, sou eu.

quem sabe assim ela  
entendesse.

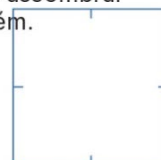
quem sabe assim  
pudéssemos voltar a ser  
como éramos antes.



quem sabe tudo isso  
não passou de um sonho  
cibernético muito esquisito.

mas ela não gostou muito  
da ideia.

passou a me assombrar  
offline também.



como resposta, deixou de  
ser mera ficção,

{ \ / }  
 ( • W • )  
 / > YOU WANT IT?

{ \ / }  
 ( • ^ • )  
 < \ JUST KIDDINGG! ITS TO SENSITIVE

{ \ / }  
 ( • W • ) ?  
 < \ YOU PROMISE U WONT BREAK AGAIN IT??

{ \ / }  
 ( • - • )  
 / > - GIVES HEART-

{ \ / }  
 ( • > • )  
 / V V / -BREAKS HEART

{ \ / }  
 ( • - • )  
 / V V / HAHA...SHOULD'VE KNOWNNN.

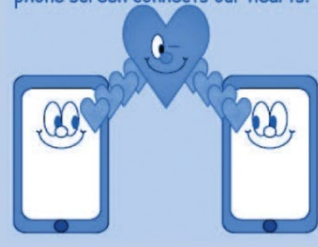
{ \ / }  
 ( • . )  
 / V V / .....  
 ♡

roubou os meus amigos,  
 que achavam ela muito  
 mais descolada do que eu.

Bff s2 +.-\* agora

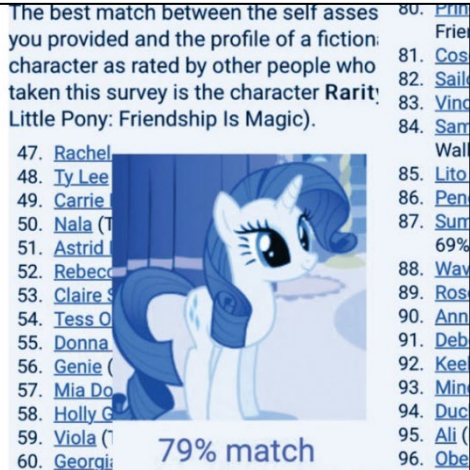
miga vc foi um presente na  
 minha vida, eu rio muito com  
 seus tuites!! ti amo ♡

Even though we 're miles apart a  
 phone screen connects our hearts.





The best match between the self asses you provided and the profile of a fiction character as rated by other people who taken this survey is the character **Rarity** (My Little Pony: Friendship Is Magic).



**79% match**

**Complete match list**

- [Rarity](#) (My Little Pony: Friendship Is Magic): 79%
- [Cora Crawley, Countess of Crawley](#) (Downton Abbey): 77%
- [Bo Peep](#) (Toy Story): 77%
- [Martha Rodgers](#) (Castle): 77%
- [Lumiere](#) (Beauty and the Beast): 77%
- [Sailor Venus](#) (Sailor Moon): 77%
- [Ryan Evans](#) (High School Musical): 77%
- [Fleur Delacour](#) (Harry Potter): 77%
- [Effie Trinket](#) (The Hunger Games): 77%
- [Salvatore Romano](#) (Mad Men): 77%
- [Amy March](#) (Little Women): 77%
- [Julien](#) (Emily in Paris): 77%
- [Legolas](#) (The Lord of the Rings): 77%
- [Inara Serra](#) (Mad Men): 77%
- [Jordan Baker](#) (The Great Gatsby): 77%
- [Deanna Troi](#) (Star Trek: The Next Generation): 77%
- [Blaine Anderson](#) (The Glee Project): 77%
- [Allison Hargrett](#) (The Mindy Project): 77%
- [Miss Patty](#) (The Mindy Project): 77%
- [Amanda LaRue](#) (The Mindy Project): 77%
- [Annie Hall](#) (Annie Hall): 77%
- [Daisy Fuller](#) (The Mindy Project): 77%
- [Benjamin Button](#) (The Curious Case of Benjamin Button): 77%
- [Satine](#) (Moulin Rouge): 77%
- [Miriam Maisel](#) (The Mindy Project): 77%

roubou a minha personalidade,  
que não era tão autêntica quanto eu imaginava.



esses estilos definem você.  
nada é mais a sua cara do que misturar samba-rock e insegurança

123idontgiveaf 2d ago  
definitely some#aestheticvibes  
going on here

chegou até a roubar meus sentimentos,  
afinal, nada mais precisava ser dito - ela me descrevia em *vibes*.



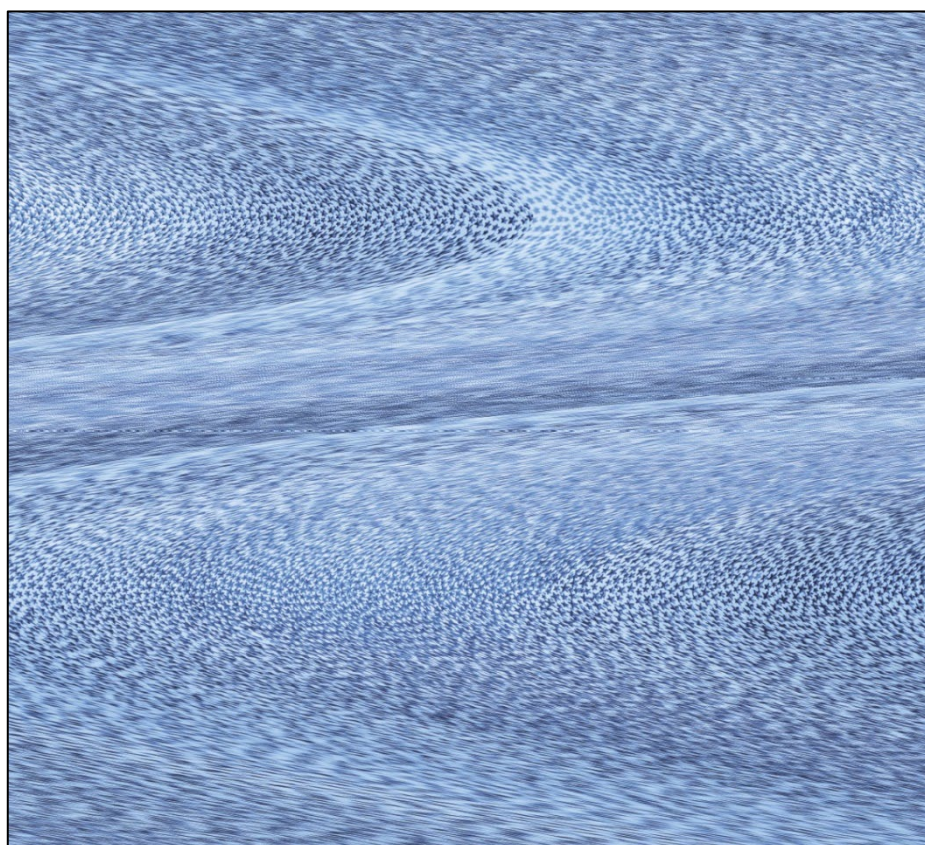
por fim, engoliu uma parte  
essencial de mim.

uma parte que agora vaga  
num infinito feito de pixels

e que nunca mais vou ver  
de novo :(

---

milquebread 12d ago  
i wish i was a computer virus



a nova eu me ensinou a  
 pensar que nem ela: nada  
 era suficiente,

eu não tinha escolha:

tudo era imperativo.

**curtir**  
**compartilhar**  
**comentar**  
**repostar apagar**  
**rolar e rolar e**  
**rolar e nunca**  
**chegar até o**  
**final curtir**  
**compartilhar**



ela me protegia  
 do final.

03. o final

por toda a minha vida eu  
imaginei como seria viver  
eternamente.

hoje, mais certa do que  
nunca, sinto que as coisas  
mudaram:

deixar de existir não é mais  
uma opção.

silenciar por 8 horas

silenciar por 1 semana

silenciar para sempre

silenciar por 8 horas

silenciar por 1 semana

silenciar para sempre

